

ÉRIKA 12

L. NOBLING

ÉRIKA 12

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Exceto para fins didáticos ou de divulgação, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização, por escrito, do editor ou do autor.

PREFÁCIO

Conheci a Érika no dia 2 de abril de 2012. Logo que cheguei à escola para dar minhas últimas aulas de Inglês antes de viajar para a Europa, o supervisor me chamou à sua sala para me prevenir a respeito da aluna de 12 anos que iniciava tardiamente o ano letivo devido a um acidente. “Muito tato”, recomendou. “Ela perdeu a memória.”

No decorrer da aula, observei atentamente a novata; que me pareceu muito distraída. Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando, ao perguntar-lhe à queima-roupa *How are you?*, ela respondeu com rapidez e corretamente! Aquilo me intrigou; mas, com a cabeça já a caminho do Velho Mundo, o fato acabou ficando em segundo plano.

Dois anos depois, em outra cidade, nossos caminhos voltaram a se cruzar. Reconheci-a de imediato e, num impulso, lancei-lhe a mesma saudação. Dessa vez, à surpresa vieram somar-se a admiração e (confesso) um pouco de inveja. Encarando o desafio, ela respondeu e passou a falar em bom e puro inglês britânico! Como ela vai escrever a respeito desse encontro, vou economizar linhas, pulando para a sexta-feira em que me procurei aquela garota, então enigmática, com dois volumes saídos de uma impressora e me pediu que os avaliasse.

— Fui eu que escrevi — explicou ela. — Mas, por favor, que isso fique entre nós.

O pensamento que me ocorreu, logo nas primeiras páginas, foi de que ela tivesse copiado o texto da internet. Alguém da idade da Érika (pensei) jamais teria capacidade para tal empreitada.

Chegando ao capítulo 10, porém, sobressaltei-me ao reconhecer Aline, também ex-aluna minha. Prossegui. O capítulo 20 me arrepiou os cabelos. Ela falava de mim! Ao final da envolvente leitura, eu tremia de emoção ao discar seu número.

— Vou aí pra gente conversar — disse ela.

Ela queria publicar os dois volumes e, dependendo da aceitação, também o terceiro, ainda em gestação. Desejava, porém, compreensivelmente, ficar no anonimato. Sua ideia era que eu assinasse como autor da obra.

Quand le mystère est trop impressionnant, on n'ose pas désobéir, como ela mesma diz, no capítulo 4, citando Exupéry. Por isso concordei, após muita reflexão, desde que me fosse autorizado fazer algumas alterações, a fim de suavizar a sintaxe um tanto formal que ela adotara e, também, eliminar alguns “cochilos” que davam pistas de seu paradeiro.

Ao cabo de uma semana de reuniões sucessivas, em que ela sempre me impressionava com sua cultura e perspicácia, chegamos ao texto final do primeiro volume, que é este que você tem em mãos.

Espero que goste.

L. Nobling

CAPÍTULO 1

A primeira coisa que reconheci foi o cheiro. Cheiro característico de hospital. Eu me encontrava num hospital. Isso, de certo modo, não me causava espanto, pois, junto com o despertar, vinha também (sem muita nitidez) a recordação do acidente.

Abrindo os olhos lentamente, primeiro um, depois o outro, como um gato vigilante, notei que estava num quarto individual. “Coisas do plano de saúde”, pensei.

Há quanto tempo eu estava ali?

Então, saída do mundo de sonhos e pesadelos que me acompanharam, alternadamente, durante todo o período que eu passara fora deste mundo, uma preocupação aterradora se materializou num sentimento de horror. Era uma sensação de amputação. “Será, meu Deus, que perdi algum membro, alguma parte do corpo, no acidente?”

Movimentei os braços, depois os pés. Constatei com alívio que nada haviam sofrido.

No entanto, a sensação persistia.

Foi então que uma leve coceira na virilha me atraiu a mão. Era um prurido gostoso de coçar. E mudava de lugar. Desaparecia aos poucos, tornava a aparecer.

Embalado nesse exercício, notei, sem dar muita importância ao fato (afinal, eu estava num local onde a tricotomia é praxe), que tinham desaparecido meus pelos pubianos. Foi tudo o que percebi antes de ser novamente vencido pelo sono.

Tornando a despertar com a claridade da manhã, rememorei, agora mais nitidamente, o acidente e os momentos que o antecederam. Uma angustiante certeza tomou então conta do meu

cérebro: a amputação não era apenas uma sensação.

Deslizei então a mão por toda a região pélvica, por alto, como que com medo do que poderia encontrar.

Não estava lá.

Repeti os movimentos: nada; não encontrava meu membro viril.

— Eles conseguiram! — exclamei, tomado de pânico.

“Os covardes me castraram quando eu estava desacordado”, pensei, tateando e apalpando com cuidado, à procura de curativos, cicatrizes ou qualquer outro sinal de cirurgia. A cada centímetro percorrido, porém, encontrava uma pele lisa, macia. Algo muito misterioso estava acontecendo, algo que acelerava as batidas do meu coração e que me fez recolher a mão com assombro.

Foi quando uma enfermeira apareceu à porta, virou-se para alguém no corredor e gritou:

— Ela acordou!

“Ela?”

CAPÍTULO 2

Eu era Hector.

Filho de mãe alemã e pai brasileiro, passei a infância na Alemanha, onde aprendi as primeiras letras. O restante de minha formação deu-se no sul do Brasil, onde também fiz o serviço militar.

Aos 28 anos, formado em Letras e Direito, ingressei na carreira diplomática, que me levou a vários países e aperfeiçoou os meus conhecimentos linguísticos. Além do alemão e do português, eu me expresso fluentemente em inglês e em francês e imito *a la perfección* alguns sotaques do espanhol.

A aposentadoria me trouxe para a região norte. Aqui, entrei em sociedade com Roberto, um colega da diplomacia que se aposentara antes de mim, na compra de uma casa num bairro afastado do centro da cidade. Foi um negócio entre amigos. Pagamos metade cada um; mas a casa, de muito bom padrão, que toda a vizinhança conhecia como *bangalô*, ficou registrada só em seu nome.

A escolha da região deveu-se à nossa principal razão de viver: sexo. A facilidade era grande. Mulheres, garotas, meninas. Estas últimas, predileção de meu companheiro de moradia.

Solteiro por convicção, como eu, Roberto pertencia ao 1% dos homens obcecados pelo sexo impúbere. Eu não compartilhava de sua preferência, mas não o recriminava.

No dia 2 de fevereiro de 2012, deitado na rede instalada na varanda, vi chegar Solange.

Ela tinha 11 anos, embora aparentasse mais, e se tornara, nas últimas semanas, assídua frequentadora do *bangalô*. Roberto

não se encontrava. Mas não me importei de vê-la entrar.

Quinze minutos depois, ela saiu.

Duas horas depois, a bomba caiu.

Armados de terçados, semblantes ameaçadores, seis homens se aproximaram. Aparentemente trazida à força, Solange apontou para mim o dedo da falsa acusação:

— Foi ele!

Senti o sangue gelar.

— Vamos castrar o tarado! — gritou o homem que segurava a menina pelo braço.

Não havia clima para explicações. Nem tempo para pegar a arma guardada num cofre na parede da sala.

A única estratégia era correr.

Primeiro para dentro de casa, depois, saindo pela porta dos fundos, corri. Perseguido pela fúria daquele bando insano disposto a vingar pela lei de Talião a suposta desonra de uma menina mentirosa, senti sob os pés descalços a relva, a areia, os pedregulhos e, enfim, o asfalto.

Então veio o impacto.

CAPÍTULO 3

Diz uma errônea tradição que o avestruz, quando em perigo, enterra a cabeça na areia. Não foi bem isso o que eu fiz; mas algo parecido. Com a voz da enfermeira ecoando no cérebro (ela acordou!), eu me entreguei aos efeitos soníferos dos medicamentos, na tola esperança de que tudo não passasse de um pesadelo. Meu próximo abrir de olhos foi na casa onde o pesadelo foi aos poucos revelando-se um doce sonho.

Era madrugada. Eu sentia sede e necessidade de defecar. E também muito sono, um sono pesado que me impedia de prestar atenção ao ambiente, que a fraca iluminação proveniente de um abajur mostrava ser desconhecido.

Não era o hospital, não era *o bangalô*.

Havia um banheiro no quarto. Isso eu podia distinguir não apenas pela luz do abajur, mas também por outra fonte de luz, bem fraca. Era uma dessas lâmpadas de baixíssima potência que se acoplam à tomada, principalmente em quarto de criança, para evitar a completa escuridão.

Os intestinos urgiam.

Por isso entrei no banheiro e tomei água diretamente da torneira do lavatório. Depois, lutando contra a sonolência, baixei o pijama, sob o qual encontrei uma fralda, que arranquei para sentar no vaso e deixar a natureza tomar conta dos meus atos.

Foi então que a bexiga, que nessas horas sempre desperta e age sem avisar, veio me desenterrar a cabeça da areia. A urina começou a sair diretamente dentre as pernas! Não era abundante, mas suficiente para que eu lhe sentisse o calor, como quando a gente mija nas calças.

O que estava acontecendo comigo?

Grande leitor, lembrei-me de um livro de ficção científica no qual um médico que experimentava técnicas para um transplante de cérebro acaba recebendo, ele próprio, o cérebro de um homem que ele havia assassinado.¹ Também me vieram à memória relatos de reencarnações. Mas, pelo que eu soubesse (e até acreditava um pouco), estas só ocorreriam após períodos que poderiam ser medidos em séculos, se não em milênios. E não sobreviveriam reminiscências da outra vida. Não era o caso, pois eu recordava muito bem quem eu era — ou tinha sido.

Acreditei também estar vivendo uma ilusão, consequência do acidente, que devia ter-me afetado o cérebro. Nos tempos de universidade, eu tivera experiências com cogumelos alucinógenos, que me transportavam para mundos irrealis, ou universos paralelos (não sei), e eu lera em algum lugar que os efeitos da psilocibina poderiam retornar a qualquer momento ao longo da vida. Poderia ser essa a chave do enigma, raciocinava eu, de volta à cama, tateando um corpo que não era o meu. Era um corpo de... menina.

¹ W. Bariani Ortencio, *Dr. Libério: o homem duplo*.

CAPÍTULO 4

A manhã chegou, acompanhada de uma chuva que se abateu durante alguns minutos sobre o telhado. Quando a chuva cessou, meus olhos, mesmo fechados, registraram que a penumbra se havia dissipado. O quarto estava ficando claro, assim como clara estava ficando minha consciência.

Ainda de olhos fechados, como se isso atenuasse o que eu já sabia ser uma incrível realidade, pus novamente a mão dentro do pijama. Não havia dúvida: o que eu tinha entre as pernas não era masculino.

“E agora?”

Agora eu não sabia o que pensar. Retirando a mão, abri os olhos. O quarto era completamente desconhecido.

— Onde estou? — perguntei, assustando-me com o timbre de minha voz, a uma senhora aparentemente de 40 anos, cabelos pretos longos, que acabava de entrar no quarto.

— Meu Deus! — exclamou a mulher levando a mão à boca. — Ela perdeu a memória!

*Quand le mystère est trop impressionnant, on n'ose pas désobéir.*² Esta frase do Pequeno Príncipe me veio à mente enquanto erguia docilmente os braços para que ela tirasse a minha blusa. Em seguida, foi a vez do pijama.

— Vem, querida — disse ela. — Vamos tomar banho.

Ela me conduziu ao banheiro, perguntou se eu não queria fazer as necessidades. Não. Então, sob a ducha morna, ela lavou

² Quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer.

meus cabelos e me ensaboou vigorosamente, como se quisesse tirar de meu corpo 60 anos de sujeira.

Feito isso, ela me enxugou, vestiu-me uma blusa e, deitando-me na cama como um bebê, borrifou talco entre as minhas pernas, antes de me colocar outra fralda sob um calção folgado.

— Pronto, Érika — disse ela. — Agora é hora de se alimentar.

Érika. Como aprendi depois, ela poucas vezes me chamava por esse nome. Ao utilizá-lo, em vez do carinhoso apelido *Quiquinha*, ela estava se antecipando à pergunta que eu certamente faria e que ela não queria ouvir: que eu esquecera o meu próprio nome.

— Você tem alguma recordação do acidente? — perguntou ela após o lanche servido na cama.

O acidente? Ah, o acidente...

Ela foi buscar e pôs em minhas mãos pequenas um recorte de jornal que minha mente treinada leu rapidamente.

Segundo a notícia, uma menina de 12 anos, pilotando com imperícia e sem capacete uma velha moto, perdeu, numa curva em declive, o controle do veículo, que bateu numa pedra. Arremessado para frente, o corpo da menina acabou chocando-se, cabeça com cabeça, contra um homem que atravessava a rua correndo: Hector. O homem morreu na hora.

“E agora?”

Algumas correntes de pensamento afirmam que mente e cérebro são coisas separadas. O cérebro tem forma, tem limites; a mente, não. Em alguns idiomas, a palavra *mente* é a mesma que designa *espírito*. Numa comparação grosseira, o cérebro seria uma espécie de aparelho receptor das ondas que a mente lhe envia. Se o aparelho sofre alguma avaria, a recepção fica prejudicada.

Se havia uma explicação para o que estava acontecendo, era que o acidente havia ocasionado algum tipo de alteração na

faixa de ondas, devido à forte colisão entre as cabeças. O resultado foi que o cérebro de Érika estava agora recebendo as informações da mente de Hector.

Ou seja, eu me tornara Érika.

“E agora?”

Foram dias de angústia. Entregue à apatia, eu me recusava a sair do quarto e passava quase todo o tempo buscando no sono a fuga daquela situação. E vinham os sonhos. Sonhos rememorativos de uma carreira bem-sucedida, de uma vida confortável, de momentos alegres, lascivos e prazerosos.

Eu dormia Hector e despertava Érika.

E lá vinha a realidade, cheia de interrogações. Hector estava morto; não havia volta. Observando tudo literalmente com outros olhos, eu me mantinha em silêncio.

Mas escutava.

Soube, então que a dedicada mulher era *minha tia*. Chamava-se Margarete. Não tinha 40 anos; tinha trinta e seis. Cuidava de *mim* desde muito pequena, desde que *meu pai*, cansado de uma viuvez precoce, resolvera se casar novamente.

Sempre atenciosa e preocupada, ela criara uma rotina à qual eu me submetia com a docilidade de uma boneca.

De manhã, ela me desnudava e me levava ao banheiro. Apesar de constrangida pela sua presença, eu fazia as necessidades.

Depois era o banho, o talco, a fralda, o calção, a blusa.

E o lanche da manhã, na mesma bandeja onde eu recebia o almoço. Todas as refeições eram acompanhadas de um comprimido que eu tomava sem questionar.

— Não quer ir comer na cozinha? — convidava ela.

Não. Eu não queria sair do quarto. Só queria dormir.

Ao acordar, geralmente encontrava a boa mulher sentada ao lado da cama. Às vezes havia também outras pessoas, que vinham saber de meu estado de saúde; que, na verdade, ia bem.